

## A estrutura dinâmica da Liturgia à luz do realismo zubiriano

### The dynamic structure of the Liturgy in the light of Zubirian realism

João José Bezerra\*

**Resumo:** Pensar a estrutura dinâmica da Sagrada Liturgia da Igreja à luz do pensamento de Xavier Zubiri não significa apenas um “grande feito de uma interface filosófica-teológica”. Estamos frente a *redescoberta de um novo horizonte intelectual* completamente diverso do que estamos habituados a ler e a escrever sobre o que é a liturgia da Igreja como algo dinâmico “*em e por si mesma*” como afirma Zubiri em sua Trilogia da Inteligência Senciente. Sendo assim, o pensamento de Zubiri é um horizonte distinto da reflexão teológica atual acerca da liturgia. Ele nos provoca a partir da própria realidade como coisa real numa abertura transcendental rumo ao seu verdadeiro fundamento que é Deus e “*prius*” de toda estrutura e dinamismo simbólico-ritual da liturgia da Igreja.

**Palavras-chave:** Dinamismo; Estrutura; Liturgia; Realidade.

**Abstract:** Thinking about the dynamic structure of the Church's Sacred Liturgy in the light of Xavier Zubiri's thought is not just a "great feat of a philosophical-theological interface". We are facing the rediscovery of a new intellectual horizon that is completely different from what we are used to reading and writing about the Church's liturgy as something dynamic "in and of itself", as Zubiri states in his Trilogy of Sentient Intelligence. As such, Zubiri's thought is a different horizon from current theological reflection on the liturgy. He provokes us to start from reality itself as a real thing in a transcendental opening towards its true foundation, which is God and the "prius" of every structure and symbolic-ritual dynamism of the Church's liturgy.

**Keywords:** Dynamism; Liturgy; Reality; Structure.

### Introdução

A presente comunicação realizada durante o IV Congresso Internacional Xavier Zubiri: 40 anos depois face ao século XXI, promovido pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção na cidade de São Paulo entre os dias 12 e 14 de setembro de 2023, lançou novos precedentes e inúmeras interrogações e provocações tanto para o campo da reflexão filosófica como para o campo da reflexão teológica. Podemos afirmar que se trata de um “feixo” de luz, ou para ser mais preciso, um “divisor de águas” daquilo que até agora chamamos de reflexão

---

\* Doutor em Liturgia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.

Email: [padrejoaojose@hotmail.com](mailto:padrejoaojose@hotmail.com)

filosófica e teológica. Zubiri com seu pensamento inovador e provocador nos impulsiona a encontrar novos caminhos para que a filosofia e a teologia sejam de fato uma *filosofia da realidade* e uma *teologia da realidade*. Em tudo isso Zubiri se apresenta como inovador em seu pensamento e em seus conceitos.

## 1 Contribuição do pensamento filosófico de Zubiri

No que diz respeito ao seu pensamento inovador, Costa afirma:

Teologia e filosofia sempre estiveram em estreita proximidade, embora o jargão *ancilla Theologiae* não tenha sido proveitoso para nenhuma das duas, como diz Pintor Ramos. O referido autor faz uma crítica à própria filosofia, que, no seu intercâmbio com a teologia, pode ter falhado “ao introduzir mediações entre ela [a filosofia] e a realidade”. Já questionava Zubiri, nos seus anos vinte do século passado; “Como é possível que afastando-nos da realidade cheguemos a ter um conhecimento mais perfeito dela”? Porém, “a teologia não pode e nem deve prescindir da metafísica”. Mas não se trata da metafísica tradicionalmente entendida, pois aquela metafísica está em crise desde a segunda metade do século XIX, como afirmam, Tejada e Cherubin. Heidegger tenta encontrar uma solução quando segundo Gracia, “pensou sempre que o ser não é ente, e que tratar de conceituá-lo com as categorias próprias dos entes é confundir o “ontológico” com o meramente «ôntico», o grande mal da metafísica ao longo dos séculos. (COSTA, 2020, p. 34)

Acerca destes pontos que a filosofia de Zubiri se constitui um pensamento inovador tanto para o campo da filosofia como da teologia e que ambas sempre caminharam juntas na história lado a lado na busca da realidade primeira das coisas existenciais. Ainda, procurando responder o que as coisas são de verdade na sua essencialidade e na sua constituição real, tanto naquilo que concebemos ou afirmamos como real, bem como as próprias realidades que também afirmamos ou concebemos como divinas. Bernardes afirma:

O caminho tomado por Zubiri é mais radical, sendo ao mesmo tempo, mais básico: trata-se de ir ao encontro da experiência originária, isto é, da facticidade. O autor pretende ir além dos pressupostos para realizar descrições mais precisas do que é dado em um processo de intelecção que nunca se esgota. Nesse sentido, sua noção central será a realidade, ainda mais básica e primordial que o sentido; as coisas não possuem, no primeiro momento, um sentido, mas uma realidade. Trata-se de uma expressão da escolástica tardia que aponta para “o que está fora” do sujeito (o *ens reale* entendido em

contraposição ao *ens rationis*); contudo, o que Zubiri afirma sobre a realidade está muito distante do pensamento escolástico. (BERNARDES, 2022, p. 16).

A filosofia “madura” de filósofo espanhol Zubiri se constitui por si mesma um “novum” frente a filosofia clássica que possui suas raízes na filosofia platônica e aristotélica, chegando até grandes pensadores da filosofia moderna como Heidegger, Kant e Husserl. A novidade do pensamento zubiriano é à sua maneira de pensar a realidade a partir de categorias novas como a apreensão primordial de realidade: movimento intelectualivo direto, imediato e unitário. Trata-se de um único ato que se “desdobra” enquanto movimento dinâmico em outros momentos ulteriores, ou seja, impressão de realidade que constitui formalmente a base de todo sentir senciente. O sentir zubiriano de realidade é um sentir intelectualivo. Por sua vez, o sentir senciente tem como fundamento o sentir a realidade e se constitui por si mesmo como uma nova via de inteligência não só para repensar a noção da realidade enquanto “locus” da manifestação real de Deus na história, mas também de tudo aquilo que se conceitou ao longo da tradição sobre esse Deus que se revela na história. Deus não é um conceito, mas realidade e fundamento transcendental de todas “as realidades”. Sendo assim, para Zubiri, a realidade é a via excelente para se chegar ao conhecimento de cada coisa real e o seu fundamento que é o próprio Deus.

## **2 Interface entre a Teologia litúrgica e o pensamento filosófico de Zubiri**

Naquilo que se refere a Sagrada Liturgia, Zubiri nos oferece uma grande contribuição ou nos apresenta uma “nova via” para a Teologia Litúrgica refletir sobre a sua realidade ou o que essa é em realidade: uma resposta que os grandes teólogos da Sagrada Liturgia sempre almejavam e que ainda está em curso. Assim como nos afirmou Bernardes, aquilo que Zubiri concebe como real é apenas pressuposto da sua verdadeira realidade. Podemos dizer que assim como toda a qualquer realidade sentida, a Liturgia da Igreja possui um princípio intelectualivo fundamental no qual todos os que tomam parte dessa estrutura dinâmica estão implicados.

A Liturgia da Igreja como realidade revelada e sentida da Igreja também está implicada nesse processo senciente a qual devemos considerar com muita seriedade em toda a sua estrutura e dinamismo, já que é a partir dessa estrutura e dinamismo que os fiéis batizados e não batizados, fazem a experiência intelectualiva do Mistério Pascal de Cristo. A realidade da liturgia é propriamente um despertar interior, ou seja, trata-se de uma realidade complexa em sua

estrutura mesma e em seu dinamismo próprio que provoca uma suscitação interior ou uma excitação interior às vezes em dimensões exógenas ou endógenas. Zubiri vai afirmar:

O sentir como processo não é somente uma atividade fisiológica, mas é o processo que constitui a vida, de certo modo inteira, do animal. Com as mesmas excitações, o animal executa ações sumamente diversas. Essas ações não são determinadas somente por uma atividade fisiológica, mas por tudo o que o animal apreende sencientemente, como, por exemplo, uma presa etc. (ZUBIRI, 2011, p. 12).

O sentir como processo senciente intelectual constitui a base e o fundamento do aprendizado não somente para situar o homem em meio as outras realidades que o afetam para distingui-las, mas também para viver e compreender a sua funcionalidade em relação as outras coisas reais. Uma determinada coisa não está só “flutuando” vagamente na realidade, mas pelo contrário, todas estão em relação de funcionalidade e essa relação é vital para a vivência do ser humano. Da mesma forma que se pode aprender algo da apreensão senciente de uma presa, também todo e qualquer sujeito implicado nas ações litúrgicas da Igreja, apreendendo sencientemente o Mistério Pascal, fonte e ápice da vida litúrgica da Igreja (LG, 11), também são suscitados e excitados num determinado nível, seja ele exógeno (externo) ou endógeno (interno), o que vai desencadear na vida toda do apreensor um processo intelectual senciente. O processo senciente é esse desvelar interior que tem como ponto de partida a própria realidade em direção à algo de grande. Na linguagem zubiriana, trata-se do processo intelectual que parte da realidade que afeta o apreensor em direção ao fundamento da própria realidade que o está afetando sencientemente. Uma vez instalado na realidade litúrgica no momento celebrativo, a própria estrutura e o dinamismo dessa estrutura nos impulsionam com força para o seu fundamento. A realidade não só tem o poder de me instalar nela, mas também tem o poder de nos lançar cada vez mais para dentro dela em direção ao seu fundamento. Garcia afirma:

Ao agir, o homem encontra uma determinação por parte da realidade de caráter “físico” – Zubiri o contrasta com “intencional” – o que o faz estar em frente a ela. E essa determinação física é o que Zubiri chama de “dominação”. Ou seja, o o homem, além de dispor da realidade, se encontra com essa realidade que se lhe impõe, o “domina” daí a palavra “dominação”. Portanto, o homem não só conta com uma realidade ineludivelmente, não só tem a

realidade a sua disposição, se não que se impõe necessariamente desde a sua disponibilidade<sup>1</sup>. (GARCIA, 2002, p. 29)

Dessa mesma forma, a realidade do Mistério Pascal exerce sobre todos os sujeitos celebrantes um poder de dominância ou de dominação com toda a sua estrutura e dinamismo e que, por sua vez, vai provocar um processo senciente intelectual segundo a intencionalidade do sujeito envolvido. O fato de estar em frente dessa realidade que o domina já implica um processo senciente. Caberá ao homem como “animal de realidades” querer ir mais além da própria realidade que o afeta. Neste caso, o Mistério Pascal que é o fundamento da realidade litúrgica que interroga, a partir desse processo senciente, o que a Liturgia da Igreja e seu Mistério Pascal são em realidade. Somente a partir dessa provocação, o homem como “animal de realidades” poderá não só determinar o que a Liturgia e o Mistério Pascal são em realidade, bem como determinar a funcionalidade dessas realidades para sua vida cotidiana. Para Zubiri, o simples fato do homem estar diante dessa realidade e instalado sencientemente nela já implica um determinado conhecimento, é o que Zubiri chama de momento radical da apreensão de realidade. Zubiri afirma sobre esse momento primordial intelectual:

Inteligir é sempre e somente apreender a realidade. Entender é somente um ato especial de inteligência, isto é, um ato entre outros de apreensão de realidade. Os demais atos em especiais de inteligência são atos para apreender mais e melhor a realidade, que dizer para inteligir melhor. (ZUBIRI, 2011, 181)

A força imperiosa e de dominância do poder da realidade sobre o apreensor já implica esse primeiro momento que é o simples aprender a realidade como ela se apresenta sem nenhum processo secundário ou tentativas de raciocínio em busca de afirmação. A apreensão constitui a meu modo de ver o momento mais radical e determinante do processo senciente porque quanto mais apreendo, mais entendo melhor a realidade na qual estou instalado sencientemente. Pelo simples fato de estar instalado na realidade já obtemos algum conhecimento primário. Por assim dizer, a experiência ritual do Mistério Pascal, assim como acontece em todas as outras realidades, possui uma forte dimensão do sentir humano e da inteligência como um único ato intelectual: Liturgia não é só sentir é também inteligir. Zubiri afirma: “Vertido para a realidade,

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

o homem é por isso animal de realidades: sua inteligência é senciente, seu sentimento é afetante, sua volição é tendente” (ZUBIRI, 2011, p. 208). Por outro lado, López afirma acerca desse dado intelectual que está presente na liturgia:

A teologia se serviu da liturgia como prova de uma determinada doutrina ou de um dado de fé. No entanto, a questão é dar destaque à coincidência entre o objeto da liturgia, enquanto celebração da fé. Esse objeto é o mistério ou acontecimento salvífico que se faz eficazmente atual num regime de sinais. (LÓPEZ, 2006, p. 476).

É preciso considerar que quando se fala de “esforço” intelectual senciente não se trata de um ‘debruçar’ sobre uma “escrivadinha com papel e caneta na mão”, mas sim de um adentrar na realidade na medida em que eu a aprendendo mais e mais essa realidade. Em outras palavras, a realidade basta por si mesma. Costa nesse sentido, aplicando o pensamento de Zubiri para uma recuperação litúrgica à luz dos princípios fundamentais do Concílio Vaticano II da grande recuperação do dinamismo da liturgia frente a um forte “rubricismo” afirma:

A liturgia é ação ritual da Igreja, que por meio de *ritus et preces* atualiza a salvação em andamento na história e na vida de cada pessoa. Para isso a liturgia, em seu cristocentrismo trinitário, é dinâmica por natureza. Portanto, não precisa de nenhum adendo extra-ritual para sua eficácia, pois tornam-se interferências equivocadas que ferem o direito litúrgico dos fiéis de participar de uma liturgia autêntica e de qualidade. Por meio dos ritos, a liturgia significa e “realiza” o que significa. (COSTA, 2019, p. 697).

A realidade da liturgia, por sua vez, definida como *Ritus et Preces* é uma realidade muito mais complexa e abrangente, o que implica também toda uma dimensão simbólica e de sinais visíveis que compõe uma parcela vital da realidade humana. A estrutura da realidade da liturgia implica desde o complexo de *ritus et preces*, símbolos, sinais e a realidade na qual está inserido e a o próprio homem enquanto realidade num dinamismo de alteridade, reciprocidade e funcionalidade. Costa a respeito da complexidade da liturgia da Igreja vai afirmar:

O espaço litúrgico é uma nota aderente de grande peso para a arquitetura do ambiente celebrativo. Vamos, com Zubiri, percorrer as formas do dinamismo da realidade para compreender o dinamismo do espaço litúrgico e da ação litúrgica. Tal dinamismo tem cinco modalidades: *Variação, Alteração, Mesmidade, Suidade e Convivência*. (COSTA, 2019, p. 707).

Costa bem intuiu que a realidade da liturgia é apenas um “adendo” de uma realidade muito maior que é o Mistério Pascal que, por sua vez, é atualizada por meio desse complexo de preces e sinais que a Igreja custodiou ao longo dos séculos; e que deve ser continuamente custodiada por nós hoje que temos a tarefa de anunciar o Mistério Pascal e anunciá-lo e manifestá-lo ao mundo como epifania por meio das celebrações litúrgicas da Igreja.

## Conclusão

Podemos concluir que Zubiri nos apresenta uma nova via de reflexão para pensar toda a ação ritual da Igreja, bem como a sua verdade dogmática acerca do Mistério Pascal de Cristo que constitui o “epicentro” fundamental sem o qual os ritos e as preces da Igreja perdem a sua razão de ser e seu dinamismo fundamental. Por meio do seu conceito fundamental de realidade e do processo senciente implicado na mesma é possível compreender a Liturgia da Igreja como algo a mais muito além do que um aglomerado de *ritus et preces*. Através de seu pensamento, estabelecendo uma interface entre Filosofia e Teologia Litúrgica, passamos a nos aproximar da afirmação de que a ação ritual da Igreja em cada uma de suas notas constituintes coloca diante do fiel apreensor a realidade “*em e por si*” sem qualquer interferência ou mediação da realidade do Mistério Pascal. Se superar “intuição” e “compreensão” como meros instrumentais ou aglomerados de ritos para serem manipulados, mas parte integrante e constitucional desse grande mistério da salvação que se dá em toda sua força de imposição, desencadeia-se no apreensor um processo senciente intelectual o tornando cada vez mais sujeito consciente e ativo do mistério da sua salvação e de toda a humanidade.

## Referências

BERNARDES, M. *Introdução a Xavier Zubiri*. Pensar a realidade. São Paulo: Paulus, 2002.

COSTA, V. A estrutura dinâmica da liturgia: uma abordagem na perspectiva do realismo de Xavier Zubiri. In: *PQTEO*, v. 23, n. 63, p. 697-717, set./dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Zubiri no Brasil: enconbrimento e descobrimento: In: BERNARDES, M. COSTAS, V. NEVES, M. (Orgs.). *Xavier Zubiri: Interfaces*. São Paulo: Ideias & Letras, 2020. p. 33-57.

GARCIA, J. J. El poder de lo real en Xavier Zubiri y su lectura de los padres griegos. In: *The Xavier Zubiri Review*, Washington, v. 4, p. 19-66, 2002.

LÓPEZ MARTÍN, J. *Teologia, história, espiritualidade e pastoral: a liturgia da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2006.

TEJADA, F. CHERUBIN, F. *O que é a inteligência: filosofia da realidade em Xavier Zubiri*. Rio de Janeiro: Lumem Juris, 2016.

ZUBIRI, X. *Inteligência e Realidade*. São Paulo: É Realizações; 2011.